

INTERRELAÇÕES ENTRE PRODUÇÃO, CONSUMO E NATUREZA

Joselito Santos¹, Djanete Ribeiro Sampaio², Gilvandro Silva de Siqueira³, Maria Luisa Souto Porto⁴, Maria das Neves Porto de Andrade⁵, Ariosvaldo S. Diniz⁶

¹Aluno do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela UFRN. Rua Benedito Mota, 593, Campina Grande-PB, 58102520, e-mail: jslito@yahoo.com.br

^{2,3}Doutorandos em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Rua Carlos Chagas, S/N, São José, Campina Grande-PB, 58107-670

⁴Mestranda em Ciências da Saúde pela UFRN. Rua Carlos Chagas, S/N, São José, Campina Grande-PB, 58107-670

⁵Professora do CCBS/UFCG. Rua Carlos Chagas, S/N, São José, Campina Grande-PB, 58107-670

⁶Orientador. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba

Palavras-chave: Consumo; Natureza; Produção

Área do conhecimento: VII – Ciências Humanas

Resumo – Reflexão teórica através da qual busca-se discutir as interrelações entre produção, consumo e natureza tomando-se em consideração a sociedade de consumo e sua visão/ação utilitarista do mundo. Parte-se da noção de que, a partir de um mundo industrial e mecanizado, a sociedade capitalista imprime todos os esforços para agir sobre a natureza, explorando-a e transformando-a. Critica-se esse modelo porque a sociedade não pode consistir sob uma base de exploração da natureza pelo homem, pois resulta em mais formas de exploração. A partir da transformação do bio, do natural, sintetiza-se a vida e, através de uma ação racionalista de sociedade, sintetiza-se a natureza: cosméticos, remédios, degradação ambiental, produtos tóxicos, locais insalubres de trabalho entre outras sínteses. A partir da transformação da natureza, a ação capital da produção e consumo não objetiva manter os recursos naturais saudáveis para uso da humanidade, mas para que possa produzir ainda mais e garantir a reprodução do sistema em todas as esferas da vida.

Considerações introdutórias

O homem cria meios e formas para existir nas esferas social, econômica, política e cultural, apropriando-se, dominando e transformando a natureza e, por conseguinte, a sociedade.

A partir desta noção, parece não restar dúvidas de que vivemos imersos numa sociedade em que a crença desenfreada no progresso – virtual e de consumo – e a noção de perda das grandes certezas e a imersão na insegurança, são categorias que se desenham pelas mãos do homem e que se operam velozmente. Significa reconhecer que o homem, em curto espaço de tempo – menos de um século – conseguiu transformar e decompor grandes certezas colocadas pelo projeto moderno: segurança, universalismo, progresso e desenvolvimento como sinônimos de garantia de um mundo melhor.

Sociedade e consumo

Lucero [1] aborda que a sociedade de consumo é orientada por uma ética centrada no individualismo e na resolução individual de problemas. A sociedade de consumo é aquela em que toda uma série de possibilidades se apresenta aos indivíduos de todas as classes, não mais restrita aos afortunados.

Situando o consumo, Lyon [2] argumenta que é preciso compreender o surgimento do consumismo e a criação contemporânea do novo consumidor e argumenta que as mudanças no capitalismo e no industrialismo que se seguiram à explosão consumista do pós-guerra nas sociedades avançadas produziram o que Bell chamou de pós industrialismo. Ao seu ver essas mudanças são agora consideradas mais significativas à medida que o material e o social se projetam para as condições pós-modernas. Assim, a pós-modernização tem a ver com o panorama industrial alterado, com sua produção móvel, flexível, a convulsão na estrutura ocupacional que coloca os serviços e os assim chamados operários da informação numa maioria, e um mundo comprimido, onde novas tecnologias tornam possíveis não somente novos métodos de produção, mas diferentes formas de relações sociais.

Ao colocar essa nova configuração, também problematiza a capacidade de adaptação da modernidade e ressalta que uma característica marcante da era moderna é a habilidade de se adaptar, de encontrar novos modos de produzir e de comunicar [2].

A análise da sociedade de consumo, especialmente da abundância das sociedades ricas está associada ao desperdício. Isso porque a noção de utilidade, como assinala Baudrillard [3],

de origem racionalista e economista, tem de rever-se de acordo com uma lógica mais geral, na qual o desperdício é muito mais que um resíduo irracional, mas uma função positiva. O produto é revestido de efemeridade, uma vez que aquilo que hoje se produz não se fabrica em função do seu valor de uso ou de duração, mas em função de sua morte, cuja aceleração só é igualada pela inflação dos preços. Desta forma, “a sociedade de consumo precisa dos seus objetos para existir e sente sobretudo necessidade de os destruir”.

Produção e consumo

É preciso compreender como os nossos viveres cotidianos são condicionados pelo sistema industrial, significando dizer que o sistema social encontra-se dominado pela tecno-estrutura. Significa dizer que no dia do trabalho heterônomo e rotineiro, transformado em mero instrumento de ganhar mais para mais consumir no nível da sociedade e da cultura mundial.

Para a plena expansão industrial, o modelo racionalista-tecnicista institucionaliza a produção como forma de conseguir uma sociedade mais justa e promissora. A natureza, como lócus dessa expansão, passa então a ser exigida para dar conta de toda essa promessa e esse modelo passa a operar sobre ela toda a sua lógica: a do capitalismo.

Através dela, a natureza deve atender às exigências do mundo que se anuncia como aquele que trará melhores condições de vida, através de produtos sintéticos e modificados, a partir de uma cópia natural - bio. Isso porque uma sociedade industrial não pode ser operada senão sob uma base de exploração da natureza pelo homem, o que culmina em mais formas de exploração. Para tal modelo, são introduzidos máquinas e produtos modernos, como símbolos da glória do cientificismo e da corrida para dotar a humanidade de novos objetos de uso e de consumo, cuja fabricação não refletirá sucesso senão pela expansão de grandes fábricas e de grandes máquinas, como símbolos do capitalismo e industrialismo.

Mais que a propagação e implementação de idéias dominantes, a ciência, técnica e indústria não se mantém pelo projeto moderno senão pela exploração e desgaste da natureza. Ocorre a transformação da natureza, sendo tal processo, concebido como – nada mais – o de uma era de transformação natural das coisas. Por essa visão natural de transformação, o mundo dispõe de todas as matérias, cabendo ao homem também dominá-lo, transformá-lo, submetê-lo, pelas habilidades e força de suas mãos, à prova da eficiência maquinal, pela técnica, visando viabilizar a apropriação de todos os seus espaços, sendo a

cidade e as grandes fábricas o lócus de todo o processamento.

As cidades funcionando como as matrizes e matizes das grandes fábricas, vêem surgir, irremediavelmente, uma corrida pela conformação do modelo, que devem ocorrer pelas mãos dos homens. Imprime-se um concurso de projetos modernos que se intensificam e depreciam a saúde – do homem e do ambiente – e as condições de vida dos homens em prol da máquina transformadora do mundo – e da natureza – em síntese. A partir da transformação de um mundo social em um mundo sintético, observa-se chaminés, vapores, resíduos tóxicos, falta de condições de trabalho, negação de direitos, cidades inundadas de gente e de promessa, além da falta de estrutura cidadina, como pano de fundo desse modelo, cujos efeitos danosos atentam contra a vida do homem e da natureza.

Desse modo, o progresso salvaguardava-se na ostentação de que é preciso produzir cada vez mais para crescer de igual modo. A preocupação reside em produzir quantitativos. O quantitativo significava convencer pessoas e dispô-las a trabalhar para produzir ainda mais para a sociedade progressista com fórmulas artificiais de produtos extensivos a vestuários, alimentação, lazer e outros, ou seja, em todas as atividades, melhor, em nossa quotidianidade, sem que isso signifique, de fato, garantia de um futuro seguro.

Desse modo, o mundo operado pela visão científica, técnica e industrial, cujo processo absorve natureza e sociedade, ao operar sobre ambas uma ação proeminentemente ativa de reprodução e desgaste, na medida em que as utiliza como campo de sua ação, desse modo, maquinando sua ação e apostando na previsibilidade de consumo, uma vez concebidas pela racionalidade, sustentando com base na exploração da natureza e do homem uma - lógica de consumo.

A Lógica social do consumo é analisada por Braudillard como uma lógica de apropriação desigual e não da apropriação individual do valor de uso dos bens e dos serviços. Por essa lógica alguns têm direito ao milagre e outros apenas às migalhas do milagre. É a lógica da produção e dos significados sociais e não da satisfação.

De acordo com a análise de Braudillard “é necessário abandonar a idéia que se tem da sociedade de consumo como aquela em que todas as necessidades materiais e culturais se satisfazem facilmente”.

Contextualiza a idéia de Marshall Sahlins que, em seu artigo sobre a “primeira sociedade da abundância”, assinala ser as nossas sociedades industriais e produtivas, ao contrário de certas sociedades primitivas, dominadas pela raridade e pela obsessão de raridade característica da

economia de mercado. “Quanto mais se produz, mais se sublinha, no próprio seio da profusão, o afastamento irremediável do termo final que seria a abundância – definida como o equilíbrio da produção humana e das finalidades humanas”.

Técnica, consumo e natureza

Na cultura contemporânea, a tecnologia acentua-se e proporciona a grande racionalização do mundo cotidiano, sujeitando o homem ao instrumental técnico como forma de intensificar a produtividade em todas as esferas da vida e da própria natureza.

O capitalismo moderno, deslocado dos grandes pátios industriais para empresas computacionais e laboratórios de microbiologia, biogenética, robótica e tantos outros, com suporte na alta tecnologia e na expansão da parafernália virtual para um consumo massivo, introduz novas formas de viver e conviver no social. Isso ao mesmo tempo também representa um grande problema quando toda essa tecnologia é deslocada pelo homem para o domínio da natureza e dele mesmo. Ao ocorrer esse deslocamento, incide o capitalismo moderno convertendo os meios sociais de vida e de produção, convertendo a natureza à sua manipulação e à natureza do próprio homem.

Essa nova face do capitalismo, também visa tornar os espaços sociais dependentes da tecnologia – virtual e recombinativa das esferas da vida – e, sob essa condição, os homens apenas respondem aos pressupostos de uma racionalidade instrumental. Essa racionalidade privilegia a ciência, técnica e indústria como símbolos libertários de uma sociedade universalista, imaginando engendrar um novo mundo à medida em que acredita desvendar os segredos do universo. Na exploração dos espaços da vida, pressupõe modificá-los, com a adoção de um mundo mecanizado, objetivo e racional, desdobrando-se sobre o domínio da natureza.

Para que ocorra essa plena expansão, esse modelo racionalista-tecnicista vem institucionalizando novas formas de produção como forma de conseguir resposta a todas as suas pretensões. Pela ciência, acha possível dar conta de toda essa promessa. O homem, portanto, deve atender às exigências desse novo mundo que se anuncia como aquele que trará melhores condições de vida, uma vez que os conhecimentos adquiridos lhe permitem engendrar formas inimagináveis de exploração do ambiente em que vive - além das lentes com que vigia o universo – como símbolo do processo “miraculoso” que intenta tornar, irreversíveis sua ação.

Esse panorama se desdobra na concepção de implementar modos de trabalho que explorem ao máximo a eficiência das técnicas, cujo esforço

significa dotar a vida social e de produção de uma consistência que lhe permita reproduzir em todas as esferas da sociedade a idéia de “salvação” dos indivíduos pelo atual processo produtivo, de modo que os indivíduos possam estender tal modelo aos espectros do cotidiano de suas vidas: na cozinha com os alimentos modificados, na farmácia com os medicamentos que prometem rejuvenescimento e beleza; nos laboratórios e hospitais com os corpos siliconizados e demasiadamente recompostos em diversas cirurgias; a transfiguração de espécies para os testes de novas drogas e tratamentos; a corrida das grandes empresas farmacêuticas para aprovar seus novos produtos para distribuição rápida no mercado de consumo, mesmo que seus resultados gerem controvérsias.

Essa intensão do capitalismo de reinar sobre a natureza das coisas, imprime também grande esforço na certeza de produzir cada vez mais, bem como para dotar o mundo de abundância, ao passo que mesmo a natureza torna-se, por essa ideologia, o resultado da matéria-prima transformada e, por conseguinte, mercadoria. Dessa forma, a natureza deixa de ser uma reserva de equilíbrio de um sistema complexo e harmônico, e passa a ser posse de uma parcela social que tem condição de patenteá-la, transformá-la e adquiri-la.

Esse processo produtivo centra seu arsenal nos espaços de produção capitalista modernos, cujos desdobramentos tendem a expandir-se nas formas de pensar e agir social, uma vez que a crença na ciência como resposta ao mundo, parece intransponível, ao menos por enquanto, esperamos. Mais que a propagação e implementação de idéias dominantes, a modernidade de triplo eixo – ciência, técnica e indústria – tem na exploração da natureza do mundo e de sua própria natureza, sua matriz.

Considerações finais

O modelo industrial e de consumo age sobre a natureza uma ação de reprodução laboratorial, à medida que imagina corresponder seus produtos aos códigos naturais, e de desgaste, à medida em que utiliza corrosivamente as riquezas naturais e submete o humano ao teste de suas experiências, ao tempo em que novos produtos são colocados muitas vezes, apressadamente, no mercado, mesmo antes que os testes comprovem sua eficácia. Através da racionalidade acredita na previsibilidade de suas atitudes, e se esmera em atribuir noção de progresso inevitável e civilizatório à sociedade. Sustenta-se com base na exploração da natureza e do homem. Mesmo a pretensa intenção ou o discurso vacilante, de uma suposta preocupação em sanear os espaços naturais sobre um discurso preservacionista, também suscita intenções de mais apropriação. Significa

dizer que a intenção não é manter os recursos naturais saudáveis para uso da humanidade, mas para que possa produzir ainda mais e garantir a reprodução do sistema em todas as esferas sociais.

As cidades funcionando como as matrizes e matizes dessa era, é infelizmente, a tentativa de conformação do modelo, enquanto se multiplicam as idéias e os projetos modernos de produção e consumo, o que significa mais expropriação, ou como bem colocou Vandana Chiva [5] – a pilhagem da natureza. Existe a crença de se estar percorrendo um caminho certo, reto e confiável pela abundância de tecnologia. Desse modo sobrevivemos não mais sob a certeza de um mundo de diversidade, forte pelas muitas espécies – vegetais, animais e minerais – mas um uno modificado e mono.

Referências Bibliográficas

[1] LUCERO, N. A. A. O corpo redescoberto. In: Corpo, mulher e sociedade. Campinas – SP: Papirus, 1995.

[2] LYON, D. Pós-modernidade. São Paulo: Paulus, 1998.

[3] BAUDRILLARD, J. A Sociedade de Consumo. Rio de Janeiro: Elfos; Lisboa: Edições 70, 1995.

[4] SIEBERT, R. S. S. As relações de saber-poder sobre o corpo. In: ROMERO, Elaine (Org.). Corpo, mulher e sociedade. Campinas – SP: Papirus, 1995.

[5] CHIVA, V. Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2001.